

Migração, mulheres e educação em Rondonópolis nos anos 50

LACI MARIA ARAÚJO ALVES*

RESUMO: O objetivo deste artigo é tentar encontrar práticas sociais adotadas por mulheres migrantes, em Rondonópolis, nos anos 50, em seu próprio fazer e no fazer da cidade e analisar como as mulheres reelaboram e reinventam tempos e espaços na intersecção de culturas tão diferentes; como constroem e reconstroem suas práticas cotidianas no enfrentamento de situações completamente adversas. Mulheres migrantes que ao chegarem em Rondonópolis passaram a reelaborar seu cotidiano, suas práticas sociais para se adaptarem às novas condições de vida. Pretendo mostrar a relevância das mulheres na construção da cidade e as diferentes “maneiras de fazer” na tessitura da comunidade local, pois Rondonópolis é uma cidade que tem em suas ruas e avenidas as marcas de mulheres e homens comuns que acreditaram nas possibilidades do lugar, que sonharam e lutaram para que seus sonhos se realizassem.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres, educação, Rondonópolis, cotidiano, maneiras de fazer.

“Como andorinhas errantes
Em busca de novos ninhos
Migramos pra Rondonópolis
Trilhando novos caminhos”...

Migrar, “alçar vôo” rumo ao desconhecido, em busca de um “pedaço de terra”, de melhores condições de vida, é uma história que se repete para grande parte da população de Rondonópolis em Mato Grosso, principalmente a partir das décadas de 40 e 50 quando se intensifica o processo de colonização na região Centro-Oeste. O objetivo deste artigo é tentar encontrar práticas sociais adotadas por mulheres migrantes, em Rondonópolis, em seu próprio fazer e no fazer da cidade. Tentar analisar como as mulheres reelaboram e reinventam tempos e espaços¹ na intersecção de culturas tão diferentes; como constroem e reconstroem suas práticas cotidianas no enfrentamento de situações completamente adversas.

Para entender um pouco da construção de Rondonópolis é necessário buscar as condições histórico-sociais e o cenário no qual se desenrola o processo de ocupação de Rondonópolis. Região inicialmente ocupada por índios Bororo, Rondonópolis passou a acolher migrantes brancos nos primeiros anos deste século e, por volta de 1915, o Governo de Mato Grosso doou 2.000 hectares para o “Rocio do Povoado do Rio Vermelho”. De acordo com antigos moradores, de 1915 a 1924 houve uma certa

organização do Povoado mas, em virtude de uma série de fatores internos e da descoberta de ouro na região de Poxoréo, a região passou por um processo de despovoamento.

No final da década de 40, com a política de interiorização e colonização proposta pelo Governo do Estado e por algumas colonizadoras particulares, a região voltou a ser cobiçada por migrantes de várias regiões brasileiras, especialmente de São Paulo. Nesse quadro, o rádio era utilizado como poderoso instrumento, voltado para a disseminação do imaginário social de acordo com os propósitos do Governo Federal. Muitas famílias deixaram sua terra e seus pertences e migraram para Mato Grosso com o sonho de conseguir uma vida melhor.

Segundo depoimentos colhidos por Ivany C. Neiva: “lá no rádio era noite e dia falando daquela propaganda, falando da colônia agrícola e tal, que quem não fosse para lá era preguiçoso”². Deste modo, o Governo de Mato Grosso adotou, no final dos anos 40, um projeto de criação de colônias agrícolas, já disseminadas no imaginário popular através dos programas nacionais de colonização e a região de Rondonópolis foi contemplada com algumas colônias entre os anos 1948 e 1952.

Nesse processo uma das medidas adotadas foi a criação de escolas como atrativo para a fixação dos colonos e como forma de garantir a posse efetiva dos sertões; a escola era apresentada como um canal de ascensão social e um meio através do qual era possível ter acesso ao conhecimento como um todo. Em Rondonópolis, ainda em 1949, o bispo D. Vunibaldo Talleur conseguiu a criação de uma escola primária e a vinda de duas freiras franciscanas – Ir. Maria Romani e Ir. Maria Bona – para ensinar e catequizar as crianças da região. A impressão que fica é que a escola motivou a vinda de muitas famílias para a região pois, de acordo com Ir. Maria Ossemer, muitos pais pediam para tirar fotografia da escola e das freiras para enviar para sua família como forma de convencê-la de que o Distrito de Rondonópolis era um local viável para se viver pois já havia escola e professoras.

Percebe-se, assim, que as freiras franciscanas também contribuíram no processo de crescimento da cidade através da credibilidade que imprimiam com seu trabalho educacional. Apesar das inúmeras dificuldades como falta de local adequado para ministrar as aulas, falta de material pedagógico, etc., elas conseguiam oferecer um ensino básico que motivava muitas pessoas a se fixarem na região.

De acordo com Ir. Thereza Marangoni, era comum encontrar pais que andavam, às vezes 15 a 20 léguas para trazerem seus filhos para escola. Normalmente o pai fazia um ranchinho e trazia a esposa e os filhos para a cidade enquanto ele continuava na roça; “o que movia esse homem a se quebrar sozinho pelo sertão, a viver longe da família, era o simples fato de dar estudo aos filhos”³.

Nesse processo, um papel de suma importância e pouco mencionado na historiografia regional foi o das mulheres dos colonos que, para garantir a escolarização dos filhos, enfrentavam toda sorte de dificuldades na cidade. Para Maria Valéria Junho Pena, “consciente ou inconscientemente, as mulheres foram apagadas de nossa história, apesar de sua importante contribuição na organização familiar, na política ou no trabalho coletivo”⁴. Mulheres migrantes que ao chegarem em Rondonópolis passaram a reelaborar seu cotidiano, suas práticas sociais para se adaptarem às novas condições de vida. Viviam de modo simples mas assumiam seus fazeres com responsabilidade para garantir o sustento e a educação dos filhos. Nesse processo, muitas mulheres se tornassem costureiras, professoras, lavadeiras, domésticas e vendedoras ambulantes.

Inicialmente tecerei comentários sobre mulheres que se fixaram em Rondonópolis na década de 50, período de organização da cidade, Emancipada em 1953 e localizada no sudeste de Mato Grosso, Rondonópolis, apesar das carências e dificuldades, passou a representar um pólo de atração devido à facilidade de aquisição de terras e fertilidade das mesmas e à posição privilegiada de entroncamento das rodovias BR-364 e BR-163. As famílias que aqui se fixaram nesse período, eram provenientes de Mato Grosso, da Bahia, de São Paulo, de Minas Gerais, do Nordeste Brasileiro, além de libaneses e japoneses que acreditavam na riqueza da terra. Assim, as mulheres mencionadas neste trabalho, chegaram em Rondonópolis na década de 50 acompanhando suas famílias que nutriam o sonho de conseguir um “pedaço de chão” e melhorarem de vida, ou seja, “a aspiração a uma vida melhor constituiu o móvel de suas migrações”⁵.

De um modo ou de outro, o perfil das entrevistadas difere do padrão das representações normalmente mostradas, de mulheres “boazinhas”, submissas, “do lar”. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, novas abordagens foram surgindo e outro perfil de mulher pode ser traçado: mulheres corajosas que, com ou sem companheiro, enfrentaram os desafios cotidianos, lutaram contra preconceitos e

conseguiram ocupar importantes espaços na sociedade, quer como costureiras, professoras, vendedoras ambulantes, etc.

Tentarei entender como essas mulheres ocupavam o seu tempo e que significado era atribuído ao tempo do qual dispunham. Considerando que “o passado conta pelo que significa para nós”⁶, nos significados atribuídos ao próprio tempo, as mulheres abordam toda uma rede de sentidos da sociedade em que viviam e do espaço que ocupavam. Nesse prisma, a história oral oferece uma gama de possibilidades, pois a subjetividade implícita nos discursos vai descortinando matizes no cotidiano das pessoas que, de outro modo, passariam despercebidas. Concordo com Monique Augras, quando salienta que “a subjetividade é que produz o testemunho vivo, a rememoração”⁷ pois, à medida que as mulheres vão relembando fatos que marcaram suas vidas, vão também reconstituindo uma rede de sentidos na construção da história.

Deste modo, ao narrar suas experiências de vida, as entrevistadas rearrumam suas lembranças e vão elaborando discursos que, entre ditos e não ditos, recompõem a sua identidade ao mesmo tempo em que implicitamente expressam uma identidade coletiva. Por isso ressaltar que memória e identidade estão intimamente ligadas ou, como analisa Michael Pollak, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”⁸. Qual era, afinal, a identidade das mulheres rondonopolitanas na década de 50 e como elas ocupavam seu tempo?

Ao contrário do que normalmente se supõe, apareceram imagens de mulheres fortes, destemidas e algumas até que, sendo coagidas a assumirem posturas contrárias às suas convicções, desafiavam os homens dizendo: “eu não tenho medo de nada”⁹. Rompendo com representações veiculadas, de mulheres frágeis, protegidas entre as quatro paredes de sua casa, aparecem mulheres que, ainda na década de 50, assumiram trabalhos fora do lar, além de desempenhar suas funções de mãe e esposa. Dona Elbi relata que começou a lecionar em 1956:

Eu ia à pé (para a escola). Eu levava o carrinho de mão com as duas crianças. O dia que meu esposo estava desocupado, nos levava de carroça (...) Eu falava para os meus filhos: eu tenho que ganhar o pão para ajudar a criar vocês.

Para driblar as dificuldades na administração do tempo e das tarefas, Dona Elbi adotava algumas táticas como controlar os horários de saídas dos filhos, de modo que sempre ficava alguém em casa para cuidar das crianças menores e da própria casa.

Dessa forma todos participavam das tarefas da família e aprendiam a valorizar o trabalho da mãe .

Dona Maria Cândida, conhecida como Maria Bucheira, ilustra o quadro de desafios enfrentados para garantir o sustento dos filhos pois seu esposo era garimpeiro e ficava a maior parte do tempo ausente do lar e sem nenhuma renda. Ela relembra:

Primeiro eu fazia sabão; depois passei a vender bucho (...) No início eu ia com um desses **carrinhos de mão** improvisado buscar a barrigada (...) Depois levava a barrigada para o córrego Arareau onde eu lavava e preparava a buchada; punha na bacia e saía em seguida vendendo de casa em casa: pra madame, pra mulher de doutor, pra pessoas simples . A minha freguesia era fixa e numerosa.

Nesses depoimentos, um traço não muito comum aparece: mulheres que carregavam filhos ou barrigadas em carrinhos de mão, pelas ruas da cidade. O lugar delas não deveria ser no lar? No entanto, essas senhoras aparecem em outros lugares, em busca de “recursos” para criar seus filhos. Nos dois casos, o carrinho de mão, símbolo do trabalho masculino, aparece como meio de sobrevivência para mulheres que, contrariando as representações da época, enfrentavam em seu cotidiano os desafios de garantir o sustento da família. Imaginar uma professora a caminho da escola, empurrando um carrinho de mão, com duas crianças “a bordo” é algo que foge completamente aos padrões de uma mulher dos anos 50. Ou ainda, é difícil imaginar uma mulher que após cruzar a cidade empurrando um carrinho de mão , saísse em seguida com uma bacia de bucho na cabeça gritando pelas ruas: “Olha o bucho limpim...”¹⁰

Dona Maria Cândida, exemplo de mulher que enfrentava qualquer desafio, perdia até mesmo a noção das horas. Ela recorda: “como eu não tinha relógio, nunca sabia a que horas eu me deitava ou me levantava”. O tempo para essas mulheres parecia não ser controlado pelo relógio, mas pelos afazeres. Um tempo em que “o tempo não contava”¹¹, que não era vazio nem homogêneo, mas um tempo vivido, pleno de “agoras”¹²

Ao lado de tantas outras pessoas, essas mulheres , através de suas memórias, recompõem uma parte do cenário da cidade e nos repassam fragmentos preciosos da história de Rondonópolis. Além de Dona Maria Cândida, várias outras mulheres, segundo Luci Léa Lopes Martins Tesoro, participavam ativamente do comércio informal local:

Além da esposa do Sr. Massao, equilibrando uma bacia de hortaliças a percorrer as ruas, outros tantos vendedores ambulantes empreendiam à cidade um tom até certo ponto burlesco. Mulheres descalças, com bacias e cestas na cabeça, vendendo bucho, banana, mandioca e gritando cada qual o seu produto¹³.

Apesar da simplicidade dos trabalhos desenvolvidos, foi através deles e da instrução escolar que muitas mulheres extrapolaram os limites da vida privada e passaram a ocupar espaços até então preenchidos pelos homens. O tempo dessas mulheres era um tempo de lutas e resistências aos preconceitos até mesmo de outras mulheres. Importa tecer algumas considerações sobre a relevância da história oral nessa reconstrução da história pois, de outro modo, dificilmente seria possível entender as próprias conquistas das mulheres. Mulheres que sempre estiveram em cena, elaborando e reelaborando formas de sobrevivência mas que foram excluídas do processo. Daí a necessidade de se “interrogar os silêncios reais através do diálogo do conhecimento” pois, à medida que se desvelam esses silêncios, “não cosemos apenas um conceito novo ao pano velho, mas vemos ser necessário reordenar todo o conjunto de conceitos”¹⁴.

Nessa perspectiva, acredito ser necessário vislumbrar novos olhares sobre o fazer histórico, sobre as experiências de mulheres e homens que, para além de quaisquer relações políticas, econômicas ou religiosas, experimentam as ambigüidades, os sonhos, os desejos das relações humanas, permeadas por necessidades, sentimentos e emoções. Castoriadis lembra que o homem cria suas necessidades e inventa formas de satisfazê-las. Nesse sentido, mulheres e homens vão descobrindo caminhos e traçando novas direções no percurso, ao mesmo tempo em que as emoções e os desejos vão apontando para “a invenção do real”¹⁵.

De acordo com Paul Thompson, um estudo sobre transmissão cultural entre famílias pode elucidar elementos importantes para o entendimento da sociedade, inclusive a respeito da “mobilidade das mulheres”¹⁶ e também em relação aos desdobramentos da migração. Tomando por base essa reflexão, é possível considerar aspectos significativos sobre o imaginário social em Rondonópolis e a participação ativa de mulheres tanto no trabalho quanto em atividades políticas, sociais e religiosas.

A cidade de Rondonópolis, como outras cidades de Mato Grosso, se fortaleceu devido à sua posição geográfica privilegiada e por estar inserida no projeto de colonização pública e particular de Mato Grosso, o que atraiu um número expressivo de

migrantes. Somente em 1947, segundo Luci Léa Lopes Martins Tesoro, “mais de cinquenta famílias” chegaram ao então distrito de Rondonópolis, período em que existiam apenas duas ruas bem traçadas: a Marechal Rondon e a Amazonas, que depois se transformaram em avenidas.

De acordo com dados do IBGE, por volta de 1953, época da emancipação, a cidade contava com 2.888 habitantes, saltando para 22.302 habitantes no início dos anos sessenta, ou seja, houve um afluxo populacional de 19.414 pessoas. Tal crescimento esteve também ligado à decadência de garimpos nas regiões circunvizinhas; à abertura de estradas de rodagem e construção de pontes que facilitou o acesso à cidade; à fixação de freiras franciscanas, em 1949, e construção de uma escola, graças aos esforços de D. Vunibaldo, bispo da Prelazia.

Deste modo, a cidade de Rondonópolis foi se organizando partir de famílias de migrantes mato-grossenses, goianos, baianos, nordestinos, mineiros, paulistas, japoneses, libaneses e outros que aqui se fixaram na esperança de realizarem o sonho de uma vida melhor. Acompanhando as reflexões de Cléria Botelho da Costa sobre a migração dos brasiguaios, pode se dizer que “o imaginário, enquanto campo de representações que extrapola os limites da experiência e das associações dedutivas, é que os moveu ao novo lugar”¹⁷.

Em Rondonópolis percebe-se o espírito aventureiro de migrantes, mulheres e homens que aceitaram o desafio de “crescer junto com a cidade”. Nesse quadro, é possível entender o trabalho de mulheres, fora do lar, até mesmo porque as representações de famílias migrantes, provindas de diferentes regiões, deve ter influenciado nesse processo. Ao mesmo tempo, as freiras deram maior credibilidade ao lugar pois desenvolviam atividades de ensino, catequese e assistência social, ou seja, elas repassavam a imagem de mulheres fortes, destemidas e que ajudavam a resolver os problemas da cidade. Elas dedicavam todo o seu tempo no serviço à comunidade, em atividades diversas como: aulas, missas, novenas, festas da Igreja e da escola; cursos profissionalizantes, busca de água no ribeirão Arareau, visitas aos doentes, serviços pesados da construção da escola e consertos do telhado da casa. Como a escola administrada por elas era a mais freqüentada, certamente essas representações influenciaram na construção do imaginário local.

Como costureiras, vendedoras, professoras ou desenvolvendo outras atividades, algumas mulheres conseguiram vencer até mesmo as barreiras geográficas. Dona Elbi,

por exemplo, narra seu esforço para se aprimorar enquanto professora: “eu fiz licenciatura curta em Corumbá (MS), licenciatura plena em Pereira Barreto (SP) e pós-graduação em Vassouras (RJ)”, tudo isso viajando de ônibus e sem descuidar das atividades de mãe, esposa e professora, ou seja, um tempo todo de lutas, resistências e desejo de aprimoramento.

Das lembranças que dona Elbi guarda, ela relembra uma que lhe causou dissabor, num episódio em que, ao buscar informações sobre a merenda escolar, o delegado de ensino, em alta voz, lhe respondera que não era pago para prestar informações. Ela então se recorda que retrucou com um pouco de raiva, dizendo ao delegado que ele era apenas um “empregadinho raso como outro qualquer”. Em tom de quem cumpriu sua parte, ela exclama: “eu tinha que falar aquilo. Ele era empregado, estava ganhando e não era melhor que eu, não”.

O fato de muitas mulheres se sentirem na mesma posição que os homens, é algo “fantástico”, no sentido atribuído por Held¹⁸, ou seja, no sentido de ser algo diferente no cotidiano feminino da época, pois é através dos “diferentes”, das “intrigas” que a trama social tem seus significados. Essa atitude de enfrentamento de dona Elbi retrata, ainda que timidamente, a luta por maior respeito e espaço na sociedade. Dona Elza de Oliveira também relata episódios de enfrentamento e coragem. Por exemplo, quando atuava como vereadora, ela se recorda que sofreu grande pressão de seus colegas para votar a favor da saída do prefeito, mas não cedeu em seus propósitos. Ela se lembra que quando a ameaçaram, seu pai lhe pediu para repensar o caso, então ela falou: “pai, cemitério foi feito para gente e cadeia também...eu não vou mudar minha opinião”¹⁹. Desse modo, ela conseguia se impor enquanto mulher corajosa, trabalhadora e firme em seus propósitos.

Através das lembranças muitas mulheres tentam recompor as dificuldades enfrentadas naquela época. Pelo Caderno de crônicas das Irmãs catequistas Franciscanas é possível perceber alguns traços da reelaboração do cotidiano das freiras que haviam saído da cidade de Rodeio, em Santa Catarina, migraram para Rondonópolis e tentavam se adaptar às novas condições de pobreza do local:

Ficamos na casa do Sr. Benedito Nogueira até o dia 18 de abril, quando fomos para nossa pobre casinha: com quatro janelas, duas portas, sem panelas. Usávamos uma lata para cozinhar; para talheres usávamos uns pauzinhos e para pratos, umas latinhas.

Assim passamos alguns dias. Um belo dia chegou à nossa pequena casa a bagagem: três panelas, uma mesa e três banquinhos (...); sem água, sem forno, sem privada, sem ferramentas (...). O soalho era chão batido. Em tempo de chuva o chão molhava tanto que precisava colocar pedaços de madeira debaixo dos pés da cama, bancos e mesa para não afundar. O fogão era um monte de terra. A prateleira, um caixote. Não existia guarda-roupa. Os hábitos ficavam dependurados sobre o arame farpado, esticado no quarto entre uma ripa e outra. O restante da roupa era guardada em caixas de querosene que também serviam de cômoda”²⁰

Além das dificuldades em sua casa, as freiras também tiveram que reinventar tempo e espaço para atender à demanda escolar. Apesar da falta de conforto, as aulas eram ministradas a mais de cem crianças em 1949 e quase 200 em 1950. Com o aumento do número de alunos as aulas passaram a ser ministradas em dois períodos, com mais de sessenta alunos em cada sala pois a escola possuía apenas três salas de aula. Não havia carteiras, apenas alguns bancos fincados no chão (alguns mais baixos, para os alunos sentarem, e outros mais altos nos quais os alunos colocavam os cadernos para escrever); não havia poço para fornecimento de água; as freiras, as alunas e os alunos buscavam água no ribeirão Arareau para utilizarem na escola.

Quanto aos métodos de ensino eram os mesmos que utilizavam antes, em Santa Catarina: “*primeiro a gente ensinava as vogais, as letras, a soletrá-las: depois a sílaba, a palavra e finalmente a frase*”²¹. A professora Arolda Duetti Silva também recorda que utilizava um método semelhante em sua escola particular (criada em 1951 em Rondonópolis); o mesmo que era utilizado em escolas de Cuiabá. Ou seja, apesar das carências, era possível garantir um ensino básico à população estudantil de Rondonópolis. Uma característica marcante nesse período era a credibilidade dada às professoras e ao ensino ministrado.

A professora Arolda recorda que nunca recebeu inspeção em sua escola e não havia exigência de qualquer documentação. O documento que ela datilografava valia como “Diploma” e os alunos podiam matricular-se em qualquer escola de Cuiabá ou de outra cidade que eram bem aceitos e conseguiam excelentes classificações. Isso denota pelo menos dois aspectos interessantes: a seriedade com que o ensino era ministrado e a confiança no trabalho das professoras. Numa sociedade extremamente machista, as mulheres professoras tinham um lugar especial. Segundo o Sr. Hélio Garcia, ex-prefeito de Rondonópolis, isso se deve ao modo como Rondonópolis foi sendo ocupada.

A presença de migrantes das mais diferentes regiões e, inicialmente, as dificuldades enfrentadas na luta pela sobrevivência, fizeram de Rondonópolis uma cidade onde cada um foi tecendo sua parte, de acordo com suas possibilidades.

Em linhas gerais, tentei mostrar, nesse artigo, alguns fragmentos da memória de mulheres que atuaram em Rondonópolis, nos anos 50 e dedicaram seu tempo em atividades diversas, contrapondo-se a representações normalmente veiculadas sobre o universo feminino. Mulheres migrantes, “apagadas” da historiografia oficial e que, com seus desejos, atitudes e sonhos conquistaram espaços na sociedade. Ao trabalhar essas memórias acredito estar contribuindo para novas reflexões sobre a importância das mulheres na história e, ao mesmo tempo, buscando formas para que possamos desvelar um mundo em que se multiplicam formas peculiares de “resistência-luta, integração-diferenciação, permanência-transformação, recusa-incorporação”²² dos quais sempre é possível vislumbrar novas possibilidades de mudança.

Através de “lembranças ancoradas no vivido, na experiência histórica”²³, é possível descobrir um “universo em expansão”, como sublinha Denise Jodelet²⁴, ao se referir às representações sociais. Um universo perpassado por diferentes experiências de vida, construído por mulheres e homens que, por necessidades, desejos, sonhos e emoções, constroem suas representações e instituem suas relações na trama social.

Tenho clareza que as entrevistas realizadas não expressam os sonhos do conjunto social, mas apontam caminhos no sentido de se perceber diferentes olhares e outras perspectivas na “invenção do real”. Daí a proposta de buscar significados nas práticas das mulheres, considerando-as como protagonistas da história, a partir de suas experiências de vida, de suas dificuldades enquanto migrantes, daquilo que elas “escolheram para perpetuar na história de suas vidas”²⁵ pois, mais importante que os documentos escritos, são as experiências vividas, as lutas pela sobrevivência e as táticas de resistência dessas mulheres que buscam nas imagens gravadas em suas memórias, apoiar, “conservar e reencontrar, a imagem do seu passado”²⁶ e a sua própria identidade.

NOTAS

* Laci Maria Araújo Alves é doutoranda no programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília. Professora Mestra do Departamento de História/CUR/CHS/UFMT.

¹ Bela Feldman Bianco e Donna Huse. Entre a saudade da terra e a América. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *As faces da memória*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 27

- ² Ivany C. Neiva Apud Nicozina M.C. Gontijo. *O brilho e a miséria: a exploração de diamantes em Poxoréo*. Dissertação de Mestrado, p. 44.
- ³ Ir. Thereza Marangoni. Entrevista. Arquivo Particular da Prof^a Luci Lea L.M. Tesoro. Rondonópolis, 1988/91.
- ⁴ Maria Valéria Junho Pena. *Mulheres e trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981,p.13.
- ⁵ COSTA, Cléria Botelho. *Reconstruindo memórias...*p. 643.
- ⁶ CHESNEAUX, Jean. Op. Cit, p. 22.
- ⁷ AUGRAS, Monique. História oral e subjetividade, p. 27/29.
- ⁸ POLLAK, Michael. Op. Cit. p. 204
- ⁹ OLIVEIRA, Elsa. Entrevista, p. 02.
- ¹⁰ TESORO, Luci Léa Lopes Martins. *Rondonópolis-MT: um entroncamento de mão única*, p. 168.
- ¹¹ FELDMAN, Bela. *As faces da memória*, p.41.
- ¹² BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*, p. 229/232.
- ¹³ TESORO, Luci Léa Lopes Martins. Op.cit., p. 168.
- ¹⁴ THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*, p. 185.
- ¹⁵ COSTA, Cléria Botelho. *Imaginário: objeto da história*, p. 4.
- ¹⁶ THOMPSON, Paul. A transmissão cultural entre gerações. In: *Revista Ciências Sociais*, p. 10.
- ¹⁷ COSTA, Cléria Botelho. *Reconstruindo as memórias...* p. 643.
- ¹⁸ HELD, H. *O imaginário no poder*, p.65.
- ¹⁹ Elza de Oliveira. Entrevista concedida à autora. Rondonópolis,17/05/2000.
- ²⁰ Caderno de Crônicas das Irmãs Catequistas Franciscanas. 1949-1991. Arquivo da Congregação das Irmãs Franciscanas. Rondonópolis-MT.
- ²¹ Ir. Maria Ossemer. Entrevista . Arquivo Particular da Prof^a Luci Léa Lopes M. Tesoro. 13/01/88. Rondonópolis-MT.
- ²² MATOS, Maria Izilda S. *O imaginário em debate*, p. 83.
- ²³ FÉLIX, Loiva. *Memória e memória histórica*, p. 42.
- ²⁴ JODELET, Denise. Op.cit., p. 59.
- ²⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*, p.1.
- ²⁶ HALBWACHS, Maurice. *Memória coletiva e memória histórica*, p. 71.

ENTREVISTAS

- OLIVEIRA, Elza. Entrevista concedida à autora. Rondonópolis-MT. 17/05/2000.
- MARANGONI, Ir Thereza. Arquivo particular da Prof^a Luci Lea L.M. Tesoro. Rondonópolis-MT. 1988/1991.
- OSSEMER, Ir. Maria. Arquivo particular da Prof^a Luci Lea L.M. Tesoro. Rondonópolis-MT. 1988/1991.
- MILHOMEM, Elbi. Entrevista concedida à autora.Rondonópolis-MT., 22/01/2000.
- SILVA, Maria Cândida. Arquivo particular da Prof^a Luci Lea L.M. Tesoro. Rondonópolis-MT. 11/07/91.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, Monique. História Oral e subjetividade. In: *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas: Centro de Memória da UNICAMP, 1996, p. 27/29.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 229/232.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987, p.1.
- CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1981, p. 22.
- COSTA, Cléria Botelho. Reconstruindo memórias: os brasiguaios no Mato Grosso do Sul. In: ALMEIDA, Jaime(org). *Caminhos da história da América no Brasil*. Brasília: ANPHLAC, 1988, p. 643.
- _____. *Imaginário: objeto da história*. Texto mimeo., p. 4.
- FELDMAN, Bela Bianco e HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *As faces da memória*. Campinas: UNICAMP, 1997, p. 27
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998, p. 42.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990, p. 71.
- HELD, H. *O imaginário no poder*. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 65.
- JODELET, Denise. *Les representations sociales*. Paris: PUF, 1989, p. 59.
- MATOS, Maria Izilda. *O imaginário em debate*. São Paulo: Olho D'Água, 1999, p. 83.
- NEIVA, Ivany C. Apud: GONTIJO, Nicozina M.C. *O brilho e a miséria: a exploração de diamantes em Poxoréu*. Dissertação de Mestrado, Brasília, 1988.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981, p. 13
- POLLAK, Michael. Memória e identidade. In: *Revista Estudos Históricos*. Nº 10. São Paulo: FGV, 1992, p. 204.
- TESORO, Luci Lea Lopes Martins. *Rondonópolis-MT. : um entroncamento de mão única*. Rondonópolis: LLLMT, 1993.
- THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. São Paulo: Graal, 1981, p. 185.
- THOMPSON, Paul. A transmissão cultural entre gerações. In: *Revista Ciências Sociais*. Campinas: EdUNICAMP, 1996, p. 10.